

APRESENTAÇÃO | PRESENTACIÓN | PRESENTATION

# PARA ALÉM DAS HEGEMONIAS: LINGUÍSTICAS EMANCIPATÓRIAS?

**Julia Lourenço\***

Universidade de São Paulo

**Marie-Anne Paveau\*\***

Université de Sorbonne Paris Nord

Este dossiê, elaborado na coletividade, concretiza-se a partir do anseio em estabelecer um espaço de diálogo com pesquisadoras e pesquisadores que procuram se debruçar sobre questões que afetam os sujeitos na contemporaneidade, e que estabelecem vínculos com referenciais teóricos emancipatórios e metodologia crítica – para além das fronteiras brasileiras<sup>†</sup>. Na Linguística esse movimento não é homogêneo nem tampouco atual, portanto, nosso dossiê insere-se nessa trama da historicidade, assumindo argumentos e construindo caminhos diversos. Ele assume também sua incompletude e sua imperfeição: não encontramos nele nenhuma síntese, nem *estado da arte*, mas algumas proposições encorajadoras de novos espaços a serem constituídos no *mainstream* do pensamento dominante e, principalmente, o gesto de abrir-se aos questionamentos.

Os textos aqui agrupados, cada um a seu modo, dão conta dessa diretriz difusa e conseguem estabelecer um olhar para si mesmos que é determinante na coerência do grupo. Com perspectivas da Análise crítica do discurso, Análise do discurso, Historiografia Linguística, Linguística aplicada, Semiótica e Sociolinguística, interrelacionadas com tantas outras; as autoras e os autores – Gabriel Nascimento, Viviane Resende, Letícia Santana, Giani David-Silva, Cristina Altman, Julia Lourenço, Matheus Schwartzmann, Thiago Correa, Marie-Anne Paveau, Raquel Freitag, Roberto Baronas e Marcelo Gonçalves – concretizam o ideal da publicação, que é "dar um passo para o lado" (HARDING, 1993) em relação ao paradigma dominante na Linguística e observar outras potencialidades.

---

\* Professora de ciências da linguagem na Université de Sorbonne Paris Nord. Atualmente trabalha em uma releitura crítica das teorias do discurso francesas a partir das epistemologias do sul. Entre outros, é autora dos livros "Os pré-discursos: sentido, memória, cognição" ([2006] 2013); "Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas" ([2013] 2015) e "Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas" ([2017] 2021)". E-mail: ma.paveau@orange.fr.

\*\* Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora de pós-doutorado na mesma instituição. E-mail: julialourenco@alumni.usp.br.

<sup>†</sup> Sendo a hegemonia diretamente ligada a colonização, muitos espaços geográficos e culturais estão implicados nesse processo ao redor do mundo, estabelecendo diversos pontos em comum, além das irredutíveis especificidades históricas.

Os oito textos que compõem a publicação, mais esta apresentação, pensam modos de pesquisa e de vida que procuram revigorar o *fazer* e o *ser* na ciência. Existe, portanto, um eixo estruturante do dossiê que é erigido entre enunciado e enunciação, pois é latente que ao elaborar seus textos (selecionar temas, recortar corpus, adotar metodologias, eleger referenciais teóricos e direcionar conclusões), as autoras e os autores promovem igualmente um movimento de reflexão sobre sua própria vivência, profissional e pessoal. Questionam igualmente qual o lugar que as ciências da linguagem ocupam (ou deveriam ocupar) no mundo contemporâneo, afinal, "[...] as ciências não acontecem em um vácuo, nem brotam por geração espontânea" (ALTMAN, 2021). Dessa maneira, nossas práticas, sobretudo no Brasil, têm demandado cada vez mais uma ancoragem política, que se coloca entre teoria e prática.

A construção do conhecimento ocorre, segundo Santos (2021), conforme duas possibilidades: a do conhecimento-regulação e a do conhecimento-emancipação, o primeiro erigido no percurso que parte da ignorância para a ordem; e o segundo que percorre a exclusão e alcança a solidariedade. Essa compreensão demanda pensar as ciências não como a evolução que ocorre no vazio e que leva à sistematização, mas implica defender que a construção do conhecimento, ao mesmo tempo em que delimita questionamentos pertinentes, exclui perspectivas outras. Ser conhecimento-emancipação, nesse sentido, é ser uma ciência solidária, que questiona os limites e se posiciona, por conseguinte, nos limiares das práticas.

De modo geral, o primeiro grupo de textos tece análises com base em um recorte de corpus, para o qual mobilizam teorias e metodologias específicas que evidenciam temas relevantes política e socialmente, tal como as questões de raça, etnia e gênero e, nessa abordagem, já promovem movimentos importantes nas áreas nas quais se inserem. O segundo grupo de textos adota uma perspectiva mais metalinguística e epistemológica, na medida em que promove autorreflexões, com movimentos retrospectivos, mas, sobretudo, compartilhando pontos de vista e traçando perspectivas futuras.

Essa divisão funciona tanto de maneira mais restrita, na organização, pragmática do dossiê, quanto de modo mais amplo, na possibilidade de verificarmos dois movimentos simultâneos e intrínsecos de possíveis práticas emancipatórias, engajadas ou "não hegemônicas" na Linguística: uma que elege temas relevantes política e socialmente e os analisa de modo coerente com metodologias alternativas e referencial teórico pertinente, e outra que reflete sobre os desenvolvimentos e os encaminhamentos possíveis das disciplinas e áreas nas quais se inscrevem. Ambas não perdem de perspectiva o *sujeito no mundo*, pois estão ancoradas em vivências, e também não concebem o conhecimento como regulação, visto que não se satisfazem em aplicar normas. Elas estão, sobretudo, ancoradas no conhecimento como emancipação, isto é, aspiram a autonomia dos grupos minorizados implicados, mais direta ou indiretamente, nas pesquisas realizadas.

O objetivo de todos os artigos é responder a um forte movimento para questionar os fundamentos imperialistas, racistas e masculinos do conhecimento ocidental, que vêm se desenvolvendo desde a década de 1980<sup>†</sup> em nível global nas ciências humanas e sociais, e que ganhou escopo e intensidade nos últimos dez anos: seja se manifestando em uma reflexão sobre a subalternização (SPIVAK, 1985), a "decolonização da mente" (THIONG'O, 1986), o "feminismo das fronteiras" (ANZALDÛA, 1987; LUGONES, 2003), a "epistemologia do ponto de vista" (COLLINS, 1990; HARDING, 1991), a luta contra a "colonialidade do conhecimento" (LANDER, 2005; CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007; MALDONADO-TORRES, 2007), a "decolonização do conhecimento", da ciência, da pesquisa, das metodologias, das disciplinas etc. (com os riscos de extensão metafórica que essa palavra de ordem possui, ver TUCK; YANG, 2012 e TÁÍWÖ, 2022), "pensamento decolonial" (GROSGOUEL, 2011), "epistemologias do Sul" (SANTOS; MENESES, 2010; SANTOS, 2014), o movimento de "sulização" (BASSEY; MAKONI, 2023) ou acerca da "perspectiva não hegemônica", como este dossiê propõe: um movimento de pensamento que visa minar as objetividades dominantes, as normas estabelecidas e as redes de legitimidade<sup>‡</sup>.

<sup>†</sup> De uma perspectiva histórica, esse movimento é muito antigo, começando nos Estados Unidos no final do século XIX com o trabalho de W.E.B. Du Bois (DU BOIS, 1903), no espaço francófono, que é também o do Caribe, Frantz Fanon fez propostas importantes neste sentido na década de 1950 (FANON, 1952). Os movimentos feministas, sobretudo os femininos negros, vêm denunciando o conteúdo do conhecimento hegemônico desde meados do século XIX. Portanto, as lutas pela produção de conhecimento não hegemônico têm uma longa história e parecem estar encontrando caminhos explícitos e vozes fortes. Para fins de dimensão histórica, mencionamos aqui e no texto as datas da primeira publicação; as datas das edições consultadas e das traduções constam na bibliografia.

<sup>‡</sup> Em um movimento paradoxal, as melhores condições para a visibilidade do trabalho de pesquisa – também das pessoas que adotam uma perspectiva não hegemônica – ocorrem a partir de lugares que são hegemônicos e, portanto, ainda alinhados ao pensamento dominante. A situação está progressivamente mudando, graças, em particular, à distribuição de publicações de acesso aberto e gratuito na internet, como esta revista; as editoras independentes; a criação de novos espaços

Essa resposta implica um trabalho epistemológico e teórico, que não se contenta com uma mudança de corpus ou de ponto de vista, ou uma análise de formas linguísticas e discursivas discriminatórias, mas pressupõe uma modificação das inscrições epistemológicas e elaborações teóricas herdadas de paradigmas hegemônicos, bem como uma transformação das redes liberais e globalizadas (materiais e financeiras) de produção e disseminação do conhecimento (editoras caras, submissão de pesquisas a projetos financiados, quantificação do trabalho intelectual). Relativamente bem desenvolvida em disciplinas como literatura, filosofia, sociologia, antropologia, história e artes, essa reflexão crítica sobre as hegemonias epistêmicas ainda é modesta nas ciências da linguagem, emergindo em particular na Análise do discurso (ZOPPI FONTANA, 2017; CESTARI, 2017; Resende org., 2019), mas sobretudo na Linguística aplicada, onde a questão decolonial tem sido explicitamente levantada há vários anos (HIBARINO *et al.*, 2023; MATTOS BRAHIM, *et al.*, 2023). Uma edição multidisciplinar recente da revista *Organon* também abriu um caminho interessante para questionar as afiliações de pesquisadoras e pesquisadores nas disciplinas de texto e discurso (LOGUERCIO; DUFOUR, 2023). A seguir apresentamos brevemente cada texto que compõem este coletivo.

Em um texto redigido em primeira pessoa, Gabriel Nascimento generosamente partilha, com as leitoras e leitores, afetos e vivências em meio a uma reflexão afinada sobre as relações de poder estabelecidas na linguagem. Ele correlaciona um acontecimento contemporâneo com o histórico processo de colonização do Brasil, para defender que há um "monolingüismo racista europeu" e como a partir da "invasão racista, mortífera" houve a brutalidade contra corpos e territórios, mas também a tentativa de apagamento de uma ancestralidade linguística e, portanto, identitária das pessoas negras. Ao longo de seu texto, o autor e constrói o espaço da coletividade diante das tantas "histórias de horror"; na verdade, ele coloca-nos tanto diante do espelho, suscitando muitas indagações, quanto em frente a uma multidão, quando aborda a violência racial e sobre como ela incide ainda na atualidade nos deslizamentos que a língua promove em nosso cotidiano.

Buscando nos mostrar que "as nossas lentes linguísticas têm uma escrita colonizada", ele denuncia, uma vez mais, como a prática "linguicida" procura marginalizar o pretuguês. Em seu livro *Racismo linguístico* o autor já nos instigava com análises sobre a linguagem como mecanismo de decolonização e comunicação entre oprimidos, interligando linguagem, discriminação racial e história, com o conceito de *racismo linguístico* (NASCIMENTO, 2019). No artigo *O Pretuguês de Carolina Maria de Jesus e o Português de Regina Dalcastagne*, deste dossiê, ele comprova como acontecimentos, nas mais diferentes esferas, estão interligados de modo a denunciar como "[...] a indústria cultural branca e branqueada no Brasil vem ignorando propositalmente em relação às pessoas pretas quando se trata da escrita", comprovando que nas chamadas "inadequações" linguísticas há um brancocentrismo e também um eurocentrismo enraizado no Brasil, do qual é urgente se desvencilhar.

Questionar as relações de dominação também é tema do texto de Viviane Resende que, a partir de uma perspectiva prático-discursiva, contextualiza a resistência dos povos originários diante das violências da extrema direita no Brasil, que se intensificaram entre 2019 e 2022. Com o auxílio de softwares, a autora realiza uma pesquisa qualitativa, que analisa tanto discursos que negam os direitos dos povos indígenas, mas também outros que respondem a essa violência, lutando pelos "nossos territórios", "nossos povos", "nossos indígenas" e "nossos direitos", com o uso do possessivo sendo ressaltado pela autora como marcação desta oposição de posicionamentos.

No artigo *Contra o etnoecídio: da violência política da extrema direita à resistência coletiva dos povos indígenas no Brasil*, escrito a partir de uma Análise crítica do discurso comprometida, a autora disserta sobre os conceitos de decolonialidade, epistemicídio, etnoecídio, ecídio, entre outros, comprovando a referência que é na abordagem do tema no Brasil. Em tantos outros momentos, a autora já direcionava nosso olhar para a importância de "[...] relacionar o micronível da análise do produto textual ao macronível das práticas sociais" (RESENDE, 2022); nesse texto, ela denuncia a crise humanitária que os povos originários do Brasil vivem (sobretudo do povo Yanomami), nos fazendo também rememorar a importância do conceito de ancestralidade.

Em *Mulheres-editoras-independentes e os gestos decoloniais no discurso e na edição*, Leticia Santana e Giani David-Silva mantêm o posicionamento crítico – que permeia este dossiê – quando abordam as relações de poder e as hierarquias discursivas, dando voz

---

de debate ou mesmo o financiamento de pesquisas mais viabilizado para grupos socialmente minorizados; entre outros fatores.

aos sujeitos implicados no processo em análise e valorizando a narrativa em primeira pessoa, na medida em que elas próprias também estão situadas nesse contexto. Com base em entrevistas semiestruturadas feitas com mulheres-editoras-independentes, o texto atravessa o silenciamento das mulheres no campo editorial, rompendo barreiras históricas e alinhando-se a um movimento decolonial, que também contesta as hegemonias conceituais.

A partir de algumas questões centrais, as autoras promovem uma reflexão que analisa os catálogos de três editoras, observando tanto o eurocentrismo e a desvalorização dos saberes do sul global, quanto a misoginia. Além disso, o artigo tem como foco também a "práxis subjetiva" e, com base em entrevistas, interpreta as vivências das mulheres-editoras-independentes. O conceito de "edição de si" emerge de forma harmônica no texto quando a partir das percepções, profissionais e pessoais, das próprias mulheres-editoras-independentes, torna-se possível delimitar imagens e posicionamentos em comum entre as três entrevistadas. Nos "fragmentos de si", surge um *ethos* discursivo como fio condutor que nos direciona tanto para uma compreensão do lugar das mulheres-editoras-independentes, quanto para um olhar atento às metodologias de pesquisa que cada vez mais se empenham na ampliação de "vozes silenciadas, subalternizadas, marginalizadas."

Ainda procurando romper o silenciamento das mulheres, agora no contexto de institucionalização da Linguística no Brasil, Cristina Altman e Julia Lourenço, a partir de análises que consideram tanto os parâmetros internos quanto os parâmetros externos propostos pela Historiografia Linguística, expõem a fissura existente, também nos estudos historiográficos, acerca do papel feminino no desenvolvimento científico. O texto *Outro ponto de vista: uma historiografia linguística feminina no Brasil (1960-1990)* apresenta análises dos artigos de autoria feminina e dos artigos de autoria masculina publicados em seis periódicos científicos, no período citado, comprovando a pouca representatividade das mulheres. No texto são apresentados dados, tanto acerca do contexto do período analisado – tal como os graus de escolarização e de urbanização, por exemplo – quanto informações sobre os artigos publicados – como a orientação teórica que adotam.

Dessa maneira, ficam evidenciadas as diferenças estabelecidas, dentro da própria Linguística, entre as disciplinas *mais aplicadas* e as disciplinas *mais teóricas*, fato que pode ser correlacionado às questões de gênero. Dialogando todas essas informações as autoras demonstram, de modo subjacente, o "efeito tesoura", que afeta igualmente as mulheres das Letras no Brasil. Nesse contexto, apesar de ingressar em maior número nos cursos de graduação, conforme a hierarquia institucional as mulheres têm menos alcance para assumir os cargos mais elevados (GORZIZA; BUONO, 2023). Dessa maneira, ainda que tenham passado de 4,60% para 61,23% da produção científica analisada, as mulheres ainda enfrentam dificuldades na progressão profissional. Esse é um dos recortes do texto, que procura trilhar novas perspectivas de abordagem do tema na Historiografia Linguística ao mesmo tempo em que questiona diversos *modus operandi* da ciência brasileira atual.

A potencialidade das teorias, abrandada e muitas vezes ensimesmada, é evidenciada no artigo de Matheus Schwartzmann e Thiago Correa, que promovem certa clivagem – benéfica e oxigenante – em relação à Semiótica. Segundo eles, sendo teoria da significação, a Semiótica discursiva esgueira-se em abordagens que "levantam o olhar", observam o mundo e analisam os sentidos de modo mais autônomo, isto é, desancorado "das amarras da cultura erudita [e] do cânone". Com a interessante analogia entre o ponto de vista e os graus de uma escala de observação, eles afirmam que "[...] aquilo que poderia ser visto como *autonomia* – um certo 'grau zero' da análise – é na verdade um ângulo morto marcado por *valores hegemônicos* do analista, especialmente aqueles de uma cultura francófona, europeia e ocidental, branca, heterossexual e cisgênera."

Com sólido embasamento na própria teoria, analisando dados representativos coletados de periódicos da área e adotando uma perspectiva histórica acerca dos desenvolvimentos da teoria semiótica no Brasil, os autores do texto *Hegemonia e o risco do engajamento: silêncio e viés na construção de mundos semióticos* questionam tanto o lugar do exercício intelectual, quanto do engajamento na Semiótica; indagação que pode, a nosso ver, ser estendida para o campo científico, ao menos das ciências ditas humanas. Os deslizamentos de sentido propostos pelos autores são sublinhados nas análises que fazem do corpus e reverberam no posicionamento que ambos adotam, de modo provocador e instigante, em relação à urgência de novas abordagens.

O lugar do questionamento, do olhar para si – muitas vezes incômodo – é o *habitat* de Marie-Anne Paveau, que mantém nossos olhos atentos às nossas próprias práticas e como elas encarnam posicionamentos. Ao "preferir Creenshaw", subtítulo de uma das

seções do artigo *Uma análise do discurso contra-hegemônica. Interseccionalidade crítica e pluriversalidade decolonial*, Marie-Anne (nos) indaga sobre o uso dos cânones científicos e a importância de que outras leituras e diálogos sejam estabelecidos nas ciências da linguagem. A autora afirma que "para questões relacionadas à interseccionalidade, gênero e opressão racial, status minoritário, marginalidade, colonialidade, parece-me que devemos, portanto, 'preferir Crenshaw', ou seja, as teóricas mulheres que originaram essas noções e trabalham nas epistemes que as acolhem, em vez de conduzir as teóricas hegemônicas pelo prisma de uma episteme que não é a delas."

*Ser no mundo* é, portanto, relevante também de uma perspectiva científica, esta que pode posicionar-se na *não hegemonia* (ou como inicialmente a pesquisadora formulou como *contra-hegemonia*), contextualizando o conhecimento e interrogando as relações de poder no universo acadêmico. No texto, o conceito e a práxis da decolonialidade podem ser alinhados à emancipação, como "[...] dispositivos linguísticos que permitam a autonomia do sujeito, ou mesmo a sua liberdade". Considerar, portanto, a multiplicidade dos sujeitos e das vivências seria tornar múltiplo também o referencial teórico, os objetos do conhecimento, as metodologias de análise etc., isto é, revisar as práticas de pesquisa, desde um âmbito científico e institucional. Esse é o lugar do necessário incômodo.

Em tom inquietante e afinadíssimo ao posicionamento que o *habitus* acadêmico atual exige, Raquel Freitag esclarece percursos da Linguística, mais especificamente da Sociolinguística brasileira, e demonstra como a constituição de linhas de pesquisa estão diretamente relacionadas – e influenciadas – pelas linhas de fomento, definidoras da "regra de ouro", que dita a agenda de qualquer sistema, também aquele da ciência no país. Em defesa de uma abordagem acadêmica que considere cada vez mais o fato de que os bancos de dados no Brasil priorizam determinados setores, a autora procura salientar metodologias que buscam a "visibilidade de grupos minoritários ou subrepresentados socialmente" e que estão alinhadas ao ativismo sociolinguístico que, segundo ela, se não pode mudar essa realidade, pode fazer com que ela seja "no mínimo contestada."

Abordando, por conseguinte, também questões relacionadas ao preconceito linguístico, a autora afirma que o "ativismo sociolinguístico envolve uma postura ativa dos pesquisadores da Sociolinguística em mobilizarem os resultados de seus estudos para reverterem em materiais didáticos e de difusão e no suporte no reconhecimento e valorização das variedades", articulando de modo coerente a urgência de que a universidade dialogue mais diretamente com a educação básica. Ancorado nos acontecimentos do mundo e nas tendências comprovadas em Linguística, o texto *A quarta onda: ativismo sociolinguístico no Brasil* nos apresenta uma voz lúcida, crítica e necessária diante de um cenário cada vez mais sufocante no Brasil.

Finalmente, os autores Roberto Baronas e Marcelo Gonçalves buscam estabelecer novos e interessantes questionamentos, com base na Linguística Popular, sobre o posicionamento não hegemônico intrínseco à disciplina. Sobretudo conforme desdobra em contexto brasileiro, segundo os autores, ela já se coloca "fora do templo", ou seja, nos limiares das ciências da linguagem, visto que contempla os saberes dos(as) não-linguistas como práticas válidas e que devem ser analisadas para além dos dualismos entre ignorância/selvageria e conhecimento científico. No texto intitulado *Is Folk Linguistics non-hegemonic?*, que encarna em si a perspectiva indagadora que o permeia, a Linguística Popular é designada como prática descritiva e militante, que aborda também o conhecimento metalinguístico de sujeitos pertencentes à determinada comunidade (discursiva) e que, portanto, considera o saber construído e partilhado nos diversos espaços sociais.

Agrupados neste dossiê, os textos, enquanto conjunto, revelam forte inclinação às "instabilidades" da Linguística e promovem uma abertura à história e ao acontecimento, possibilitando e repercutindo perspectivas que propusemos chamar, por ora, de emancipatórias. A não hegemonia é possível de ser observada nos artigos tanto de uma perspectiva *mais interna*, quando grupos minorizados e questões marginalizadas são enfatizadas na abordagem de sujeitos e vivências; quanto de um ponto de vista *mais externo*, quando posicionam-se – e incitam o posicionamento crítico – em relação a seu próprio movimento de ser e fazer (pesquisar, analisar, ensinar, aprender, interagir) e, por conseguinte, sobre o papel da ciência na sociedade, tema que não é novo, mas é sempre marcado pela tinta da contemporaneidade que o acompanha. Questionar-se, olhar para si, observar o entorno e alinhar as práticas promotoras da equidade é o movimento que este dossiê buscou alcançar, (re)colocando o campo acadêmico em uma rede de possibilidades, no trajeto dialógico do porvir.

Neste dossiê intitulado *Perspectivas não hegemônicas na Linguística*, empenhamo-nos em reunir, de forma parcial, uma série de propostas relacionadas aos vários percursos de pesquisa sobre a linguagem: no centro da nossa preocupação neste coletivo estão as pessoas e as vivências, sejam elas pesquisadoras, entrevistadas, testemunhas etc. Conforme Olúfemi Táíwò nos diz sobre o contexto em África, derrotar uma hegemonia implica fazer ou refazer a *agentividade* (TÁÍWÒ, 2022) e acreditamos que ela constitui uma forte proposição científica que poderia (deveria?) substituir o ultrapassado princípio imperialista da objetividade, que sempre correspondeu apenas ao imaginário dominante.

## REFERÊNCIAS

- ALTMAN, C. *A guerra fria estruturalista*. Estudos em Historiografia Linguística Brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.
- ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- BASSEY E. A.; MAKONI, S. (ed.). *Southernizing Sociolinguistics*. Colonialism, Racism, and Patriarchy in Language in the Global South. London: Routledge, 2023.
- CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (ed.). *El giro decolonial*. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007.
- CESTARI, M. J. Por uma tomada de posição feminista e antirracista na análise de discurso. In: ZOPPI FONTANA, M.; FERRARI, A. J. (org.). *Mulheres em discurso: identificação de gênero e práticas de resistência 2*. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 183-204.
- CHAKRABARTY, D. *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- COLLINS, P. H. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge, 2000 [1990].
- DU BOIS, W. E. B. *As Almas do Povo Negro*. Tradução Alexandre Boide. São Paulo: Veneta, 2021 [1903].
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento com colaboração de Raquel Camargo, prefácio de Grada Kilomba, 2020 [1952].
- GORZIZA, A.; BUONO, R. O efeito-tesoura para mulheres na ciência. *Piauí*. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-efeito-tesoura-para-mulheres-na-ciencia> Acesso em: 03 out. 2023.
- GROSGOUEL, R. Decolonizing Post-Colonial Studies and Paradigms of Political-Economy: Transmodernity, Decolonial Thinking, and Global Coloniality, *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, 1(1), 2011: <http://escholarship.org/uc/item/21k6t3fq>
- HARDING, S. *Whose Science? Whose Knowledge? Thinking from Women's Lives*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1991.
- HARDING, S. Rethinking Standpoint Epistemology: What is Strong Objectivity? In: ALCOFF, L.; POTTER, E. (org.). *Feminist Epistemologies*. New York/London: Routledge, 1993. p. 49-82.
- HIBARINO, D. A.; FIGUEIREDO, E. H. D.; CERDEIRA, P. L. ; NOGAS, M. (org.). *Tempos para (re)existir e decolonizar na Linguística Aplicada*. Campinas: Pontes Editores, 2023.

- LANDER, A. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- LUGONES, M. *Pilgrimages/Peregrinajes: Theorizing Coalition against Multiple Oppressions*, Lanham, Rowman & Littlefield, 2003.
- LOGUERCIO, S.; DUFOUR, M. Questionar os saberes a partir dos pertencimentos. *Revista Organon*, v. 38, n. 75, 2023.
- LUGONES, M. *Pilgrimages/Peregrinajes: Theorizing Coalition against Multiple Oppressions*, Lanham, Rowman & Littlefield, 2003.
- MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (ed.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.
- MATTOS BRAHIM, A. C.; BEATO-CANATO, A. P. M.; JORDÃO, C. M.; MONTEIRO, D. (org.). *Decolonialidade e Linguística Aplicada*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2023.
- NASCIMENTO, G. *Racismo linguístico. Os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- RESENDE, V. (org.). *Decolonizar os estudos críticos do discurso*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2019.
- RESENDE, V. Apresentação. Uma análise do discurso comprometida. In: RESENDE, V.; ARAÚJO, C. L.; REGIS, J. F. (org.). *Discurso, política e direitos: por uma análise de discurso comprometida*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2022.
- SANTOS, B. S. *Epistemologies of the South. Justice Against Epistemicide*. London & New York: Routledge, 2014.
- SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, B. S. *O fim do império cognitivo. A afirmação das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018 [1985].
- TÁÍWÒ, O. *Against decolonisation. Taking African Agency Seriously*. London: Hurst & Company, 2022.
- THIONG'O, N. W. *Decolonising the Mind: The Politics of Language in African Literature*. London : Portsmouth, N.H. :J. Currey ; Heinemann, 1986.
- TUCK, E.; YANG, W. Decolonization is not a metaphor, Decolonization: Indigeneity. *Education & Society*, n.1, p. 1-40, 2012.
- ZOPPI FONTANA, M. Lugar de fala: enunciação, subjetivação, resistência. *Conexão Letras*, p. 12-18, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.79457> Acesso em: 03 out. 2023.



Recebido em 01/09/2023